

# Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 12 | N.º 86 | distribuição gratuita | Revista Municipal

## Monte Castilhô (Vilar do Torno e Alentém): novos contributos para o estudo da Idade do Bronze Final em Lousada

Luis Sousa\*

### INTRODUÇÃO

Os dados actualmente disponíveis possibilitam apontar para Lousada a presença efectiva de nove povoados (fig.1) com ocupação enquadrável na Idade do Bronze Final, a saber: o Alto dos Três Caminhos, Bouça das Cales, Monte das Panelas, Monte Telégrafo e o agora divulgado Monte Castilhô, localizados na bacia hidrográfica do rio Sousa; Alto das Cadeiras, Cabeço da Agrela, Castro de São Domingos e Castro dos Mortórios, localizados na bacia hidrográfica do rio Mezio. O presente mapa de dispersão da quase dezena de povoados com filiação no Bronze Final, permite-nos colocar o concelho de Lousada num patamar de singularidade, destacando-se claramente do panorama vigorante relativamente à totalidade do território integrado do Vale do Sousa. O Monte Castilhô que nos ocupa presentemente, o qual se implanta num outeiro de média altitude, vem contribuir para estreitar a malha de dispersão, revelando um modo de apropriação do território já constatado (Sousa L., 2007), quer do ponto de vista visual, quer do ponto de vista agro-pastoril, isto é, inteira a estrutura de apropriação territorial revelada pela existência simultânea de povoados abertos e posicionados em lugares elevados que em face do modelo revelado permite depreender que entre estes se davam passos convergentes para criação de “condições indispensáveis à emergência de inter-dependências

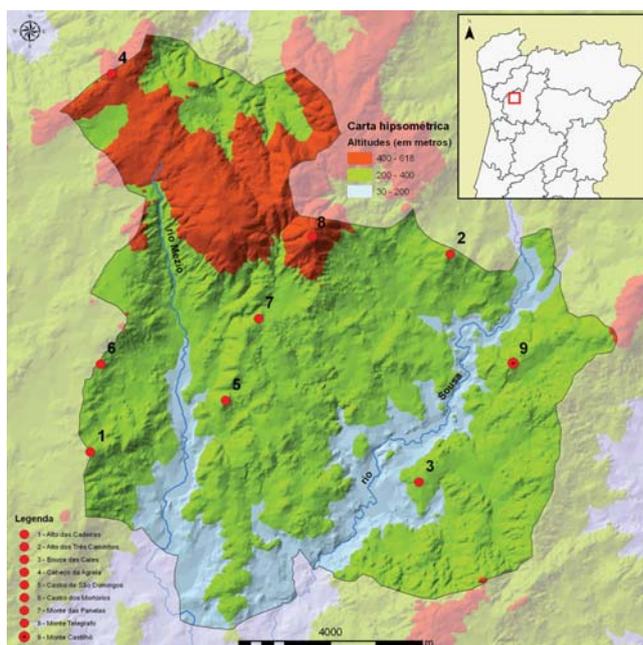


Fig. 1 - Carta de distribuição dos povoados da Idade do Bronze Final no concelho de Lousada

e “solidariedades” supra-regionais de âmbito europeu” (Jorge SO, 1995: 16).

### OS POVADOS DO BRONZE FINAL EM LOUSADA

Na bacia hidrográfica do rio Sousa, ocupando outeiros sobranceiros a pequenas bacias de recepção que constituem alguns regatos afluentes daquele curso fluvial, encontramos actualmente cinco assentamentos do período em análise. Neste ponto damos apontamento de quatro, deixando para espaço próprio o Monte Castilhô, que desenvolveremos de seguida.

O Alto dos Três Caminhos, situado na freguesia de São Miguel, é uma colina elevada de 374 metros de altitude, com forte presença na orografia da região.

De localização privilegiada, o povoado apresenta-se circundado pela ribeira de Barrosas a Sul e Oeste, pela ribeira da Longra a Norte, e a Este e Sul pelo rio Sousa, o que se traduz efectivamente num extenso território que conglera abundantes recursos aquíferos que terão proporcionado na área a actividade agro-pastoril. Se escasseiam ou, por outro lado, são completamente omissos dados concretos quanto às actividades agrícolas e/ou artesanais praticadas por parte de certas comunidades que permaneceram noutros assentamentos proto-históricos, os vestígios de mós manuais de vaim ou tipo cela aqui identificados e o grande

número de vestígios arqueológicos deste período, dispersos por larga superfície em zonas de baixa altitude propiciadoras à actividade agrícola, permitem depreender, com certa segurança, a presença de uma actividade preferencialmente centrada na produção cerealífera.

A mais antiga referência a este povoado é da autoria do Pe. Francisco A. Peixoto que, em 1913, no Jornal de Louzada, disse que “na freguesia de São Miguel, na extremidade norte, existe um Crasto, monte elevado, de forma cónica, assim chamado pelo povo, e em cujo cimo há, principalmente do lado do poente, uma ondulação de terreno que foi certamente um valo ou trincheira para defeza, em casos de guerra” (Peixoto, 1913, 329: 1).

\* Arqueólogo. CML. Luis.Sousa@cm-lousada.pt

Trata-se de um interessante povoado, do ponto de vista cronológico, pois revelou materiais cerâmicos com uma dilatada cronologia que vão desde o Calcolítico à Idade do Ferro. Porém, até ao momento, revelou-se mais expressiva a ocupação do Bronze Final. Bouça das Cales é o único assentamento de baixa altitude, ocupando uma chã aplanada sobre a margem esquerda do rio Sousa. Trata-se de um assentamento em morro de chã, que se eleva a uma altitude que não ultrapassa os 230 metros, localizado na freguesia de Meinedo. Identificou-se, neste local, abundante cerâmica, embora muito fragmentada, por isso difícil de caracterizar, merecendo relevo um fragmento de pança decorado por incisão, ostentando uma espécie de «espinha de peixe», verificando-se uma dispersão de espólio que chega aos 2,4ha, cujo balizamento cronológico se enquadra no Bronze Final. Destacamos, ainda, o aparecimento de um núcleo em sílex para extracção de pequenas lascas.

O povoado de Monte Telégrafo (Silvares) fica situado num remate de esporão correspondente ao maciço montanhoso da serra de Maragotos, com orientação Norte/Sul, de vertentes voltadas às ribeiras do Fontão e Barrosas, respectivamente a Oeste e a Este, alcançando a altitude máxima de 578 metros.

A mais recuada menção a esta estação remonta aos fins do século XIX, cabendo a primazia a Martins Sarmiento. Este alude ao povoado na sua obra intitulada “ANTIQUA (Informes, reconhecimentos e prospecções)”, porém, sem que alguma vez se tenha deslocado ao local. Este facto é constatado na exposição da notícia, transmitida por parte de Pe. Francisco A. Peixoto, em que este disse que viu um grande circuito de muralhas em Calvelos (chã no monte de Barrosas, onde houve telégrafo), todavia, Sarmiento refuta dizendo *mas o monte não tem patamares* (Sarmiento M, 1989: 27). De facto, numa aturada batida de campo efectuada no topo do destacado Monte Telégrafo, não vislumbramos qualquer sinal de estruturas defensivas, contudo, chamamos a atenção para a possibilidade de estas terem existido, embora certamente bastante destruídas, considerando que toda a área do esporão está coberta de eucaliptos, tendo sido o topo

e as vertentes completamente remexidas e aplanadas na sequência da plantação dos mesmos.

O espólio aqui recolhido, composto por fragmentos cerâmicos de reduzidas dimensões, sem possibilidade de restituição de formas, permite um balizamento cronológico entre a Idade do Bronze Final e a Segunda Idade do Ferro. Os vestígios ceramológicos deste espaço temporal, correspondente à Fase I e II da «Cultura Castreja», não apresentam quaisquer indícios de uso de roda de oleiro. As cerâmicas do Bronze Final aqui recolhidas exibem superfícies alisadas, de pastas grosseiras tendo na constituição grande quantidade de areia e cristais de quartzo. Apresentam normalmente tonalidades acinzentadas. A dispersão do espólio não ultrapassa, de momento, os 0,9ha, estando este muito localizado em redor do Marco Geodésico que aí se encontra implantado.

É o povoado proto-histórico que, no



Fig. 2 - Monte Casilhô, Perspectiva de Este

plano concelhio, mais se destaca no território, sendo por isso detentor de um vasto horizonte visual (Magalhães *et alii*, 2009: 19-20).

Os povoados localizados na bacia hidrográfica do rio Mezio revelam estratégias de povoamento um pouco diferenciadas das constatadas para a bacia do Sousa. Se nesta bacia de recepção se constata a presença de povoados preferencialmente instalados em outeiros e chãs de média altitude, próximos de parcelas agrárias de elevada potencialidade agrícola e cursos de água relativamente próximos, no Mezio, dado que os *habitats* ocupam linhas de fecho e de parques recursos aquáticos, as comunidades do bronze parecem ter superiorizado aspectos mais de visibilidade territorial, dominando áreas onde a principal actividade desenvolvida poderá ter sido mais vocacionada para o pastoreio que propriamente agrícola.

A Sul do Castro dos Mortórios, no aro administrativo da freguesia de Nevo-

gilde, encontramos o povoado do Alto das Cadeiras, no topo do qual se atinge os 397 metros de altitude. Assenta sobre um morro de configuração ovalada que se estende no sentido sudeste/noroeste, sendo a plataforma do cume, a espaços, aplanada, o que terá proporcionado o assentamento de comunidades do Bronze Final, como o atestam os vestígios cerâmicos aí identificados. Do topo do esporão, um dos relevos intermédios da orla da Serra de São Tiago, que se destaca na paisagem, obtém-se amplo campo visual sobre a veiga do troço médio do rio Mezio, que lhe fica a Este.

Não se detectam quaisquer estruturas de carácter habitacional ou defensivo, contudo este facto poderá dever-se, por um lado, à vegetação que cobre a zona, por outro, por as comunidades da Idade do bronze empregarem materiais de curta durabilidade nas suas construções e pela “invisibilidade arqueológica” de certas

estruturas surgidas apenas em negativo, tais como fossas e silos. Os vestígios arqueológicos identificados não permitem ainda uma correcta distribuição espacial, todavia, consideramos que pelo menos até à curva de nível dos 380 metros a sua presença é verificada.

Bem ao Norte do concelho de Lousada, a noroeste da freguesia de Lustosa, situa-se o Cabeço da Agrela,

morro de formato ovalado de 474 metros de altitude, de orientação sudeste/noroeste, correspondente à franja intermédia do Monte de Sá. As principais vertentes do Cabeço da Agrela encontram-se a Norte e a Oeste, voltadas para o rio Vizela, depreendendo-se, desta forma, a preponderância de controlo visual sobre o território circundante. Aqui foram identificados alguns materiais cerâmicos de reduzido tamanho, destacando-se de entre o espólio identificado o achado de uma ponta de seta em sílex, recolhida na vertente Este, no caminho de acesso ao cocuruto do povoado. Pinho Leal (1874, IV: 501), em finais do século XIX, na obra “Portugal Antigo e Moderno”, legou-nos algumas notas sobre Lustosa, referindo que “no alto do monte há vestígios de fortificações antigas”. Pese embora a importância da notícia, o autor não indica de modo concreto qual o monte a que se refere, pelo que não nos é permissível apontar se a informação respeita ao Cabeço da

Agrela ou ao Castro de São Gonçalo, ambos localizados em Lustosa.

O Castro de São Domingos (Cristelos) ocupa um morro de formato cónico, ostentando boas condições naturais de defesa, principalmente as vertentes voltadas a Este e a Sul. Apresenta-se bastante destacado na orografia circundante, o que lhe confere amplo domínio visual sobre a paisagem, tem, por isso, visibilidade directa sobre o

Castro do Alto de Nevogilde, Monte Pedroso, Santa Águeda, Mortórios e Bufo. É bem servido de recursos aquíferos, passando-lhe na base o ribeiro do Fontão, afluente do rio Mezio. Com evidente ocupação pelo menos a partir do século IV a.C., detentor de três a quatro tramos de muralhas, poderá possuir um substrato ocupacional integrado no período de alteração "cultural decorrente da introdução da metalurgia nesta região" (Pinto M, 1997). As investigações desenvolvidas neste povoado não mostraram, até ao momento, um horizonte, ainda que vertical, passível de ser incluído neste período cultural. Julgamos, porém, que um tosco e fracturado bloco granítico de grão fino e de tons avermelhados, encontrado neste povoado fora de contexto, tendo representadas duas concavidades que se assemelham a órbitas oculares sobrepujadas por um sulco em arco, se possa tratar de uma estela. A constatar-se esta realidade, poderemos estar perante um momento crucial em que se verifica o "reaparecimento de povoados fortificados", aliado a "fenómenos de entesouramento e pela intensificação de uma proto-estatuária de iconografia masculina" (Bettencourt MAS, 1995: 112). Ostentando a altura máxima de 368 metros, o Castro dos Mortórios, situado entre as freguesias de Covas/Raimonda (Lousada/Paços de Ferreira), apresenta uma das mais antigas referências documentais para este período na região. Daqui resultou um único achado enquadrável no Bronze Final. Trata-se de "uma faca ou lança de bronze" (Dinis MV, 1963: 94), encontrada numa das vertentes do castro, tendo sido recolhida pelo Sr. Mau-



Fig. 3 - Fragmentos cerâmicos do Bronze Final recolhidos no Monte Castilhó

rício José Neto, em 1925, e oferecida ao Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto<sup>1</sup>.

Finalizamos com o Monte das Panelas (Silvares), povoado implantado num esporão de 345 metros de altitude, conhecido localmente sob a sugestiva denominação de Monte das Panelas, situado entre o ribeiro do Fontão e o ribeiro de Pontarrinhas. Aqui identificamos um conjunto de materiais cerâmicos que poderão ser atribuídos à Idade do Bronze Final. A esquelética potência estratigráfica e a densa vegetação rasteira que cobre o contraforte não permitiu, até há pouco tempo, que lograssemos profícuos resultados aquando dos diversos rastreios da área, desenvolvidos através de batidas de campo. Fruto de trabalhos levados a cabo na zona no decorrer da abertura do eixo viário Lousada (vila) a Lustosa (serra dos Campelos), foi possível visualizar nos perfis causados pelos *bulldozers* alguns vestígios que provam a recuada presença antrópica deste esporão baixo no período considerado. O estado fragmentário e o número diminuto dos elementos identificados, na totalidade provenientes de bojos de recipientes cerâmicos, não permitem que se lhes dedique extensas considerações, nomeadamente no que se refere ao tipo das formas representadas. As pastas são maioritariamente grosseiras, bastante arenosas, de tonalidades que oscilam entre os cinzentos e bege claros. Destaca-se, ainda, deste período correspondente ao Bronze Final, um fragmento cerâmico de tons alaranjados e cerne cinzento claro, bem como um outro que apresenta indícios de espatulamento das paredes

internas, análogos aos que observamos no povoado coevo do Alto dos Três Caminhos (São Miguel) (Magalhães *et alii*, 2009: 20-21).

### O POVOADO DO BRONZE FINAL DE MONTE CASTILHÓ: INTEGRAÇÃO CRONO-ESPACIAL NO CONCELHO DE LOUSADA

Este arqueossítio, localizado na freguesia Vilar do Torno e Alentém, é um

cabeço cónico, de topo ligeiramente aplanado, de 308 metros de altitude máxima, orientado no sentido sudoeste/nordeste, destacado na paisagem circundante, dominando simultaneamente a bacia hidrográfica do rio Sousa e da ribeira de Vilar, embora recaia sobre o primeiro curso fluvial a primazia e maior horizonte visual (fig.2).

Pinho Leal (1886, 11: 1284), no seu "Portugal Antigo e Moderno", reportando-se aos montes existentes na freguesia de Vilar do Torno, diz, aquando da sua nomeação, que um se denomina de Castilhó. Reflecte sobre este topónimo apontando que tal designação se deve à razão de aqui ter existido "outra ora algum castello ou atalaia, como revela o seu nome de Castilhó, castello ou pequeno castello".

Em "O Minho Pitoresco", de José Augusto Vieira (1887, II: 369), atendendo à etimologia da palavra Castilhó, aponta para "pequeno castello".

Em 2007 constatou-se pela primeira vez a efectiva presença de vestígios arqueológicos no Monte Castilhó, tendo sido incluído num trabalho académico de investigação a propósito do "Povoamento Proto-histórico e Romano no concelho de Lousada" (Sousa L, 2007). Na altura, fruto da densa vegetação que cobria o monte, não foi possível efectuar um convenientemente rastreio da zona, porém, foram tecidos alguns apontamentos que, por apoiados num parco e diminuto número de fragmentos cerâmicos, induziram em erro as cronologias apontadas na altura.

Numa obra editada recentemente, chamada de "Lousada Antiga: das origens à primeira República", de Augusto Soares de Moura, encontramos também

<sup>1</sup> A direcção de trabalhos de prospecção, sobre um prisma científico e organizado, e o desenvolvimento de trabalhos de investigação arqueológica, certamente alterarão o quadro traçado para o concelho e para a região envolvente. Esta circunstância permitirá dar, porventura, maior importância aos elementos cerâmicos e não tanto aos artefactos metálicos, pois que a grande maioria dos locais conhecidos apenas se documentam pela presença de objectos metálicos, surgidos em achados fortuitos, tidos como elemento primordial e único a tipificar o período de assentamento de um certo povoado, descurando-se as restantes materialidades.

uma breve referência ao nosso objecto<sup>2</sup>, menção que o autor colhe na "Grande Enciclopédia", não aditando, por isso, relevantes informações para a historiografia e caracterização do sítio.

Numa deslocação recente, em Fevereiro do corrente ano, aproveitando o facto de ter sido efectuada a total desmatação e limpeza do monte, foram detectados novos materiais ceramológicos que permitem efectuar considerações cronológicas mais finas. Assim, damos conta que o sítio de Monte Castilhô, objecto do presente texto, é um assentamento da Idade do Bronze Final, no qual foram identificados fragmentos cerâmicos manuais, de paredes de espessura fina a média, caracterizados por pastas no geral mal calibradas, arenosas, de tons bege e castanho pálido, com presença abundante de quartzos angulosos de tamanho médio.

O espólio arqueológico observado, ao presente exclusivamente composto por materiais ceramológicos, é formado maioritariamente por fragmentos de panela, ressaltando, contudo, um bordo, talvez de malga, de tonalidade bege claro, ostentando decoração incisa, composta por linhas verticais que se desenvolvem paralelamente ao bordo (fig.3).

Pequenos fragmentos encontram-se espalhados, de modo muito esparso, um pouco por todo o topo do morro, embora, esclarecemos, que a cerca de 43/44 metros a noroeste do cume, numa zona onde foi aberto um caminho, se acha uma maior concentração de materiais, em associação com uma espessa camada de terra humosa.

## NOTAS FINAIS

O Bronze Final em Lousada é marcado pela dissemelhança do habitat e de anarquia em termos de dispersão espacial dos assentamentos. Os povoados repartem-se pela ocupação de outeiros, remates de esporão e morros de chã, coexistindo "povoados abertos ou assentamentos em campo aberto enquanto outros grupos populacionais ocupam lugares elevados" (Calo Lourido, 2005: 97). Esta dicotomia revela-se, também, nos sistemas defensivos. Apenas parece haver a comprovada existência de um sistema defensivo, ainda que elementar, exclusivamente em dois povoados – Cabeço da Agrela e Alto dos Três Caminhos. O primeiro deveria possuir um sistema defensivo bastante rudimentar, composto por grandes blocos graníticos que encostavam a outros preexistentes, sendo, talvez, posteriormente colmatados os interstícios por terra. O sistema defensivo do Alto dos Três Caminhos parece um pouco mais complexo, todavia, a dificuldade em discernir qual o sistema empregue radica na alteração topográfica de que o povoado tem sido alvo. A Norte, próximo do topo do outeiro, vêem-se valados que poderão corresponder a fossos, assim como algumas plataformas que marcam a morfologia do povoado e que poderão ocultar cinturas de muralhas. Não obstante, desconhecemos o contexto cronológico da sua edificação.

A intervisibilidade não era valorizada

na hora da escolha do local para os assentamentos, tal facto depreende-se pelo posicionamento longitudinal sobre a linha de fecho verificado nos povoados do vale do rio Mezio e pela distância e diferente estratégia de assentamento verificada entre os povoados do Alto dos Três Caminhos, Monte Castilhô e Bouça das Cales, no vale do rio Sousa. A proximidade da rede hidrográfica parece também não ter sido grandemente valorizada para alguns povoados, dado que, enquadrado neste período cronológico, o povoado mais próximo se encontra a cerca de 500 metros de um curso fluvial, desconhecendo-se na área qualquer nascente. Reportamo-nos, enquadrado nesta específica situação, do povoado aberto de Bouça das Cales. A média de distância ao recurso aquífero mais próximo verificado para o Bronze Final é de, aproximadamente, 1000 metros (medida em linha recta).

O elemento que parece unificar as comunidades do Bronze Final na área concelhia é a vocação para a actividade agro-pastoril, corroborada pela relação vale *versus* montanha, e o largo domínio visual sobre o território circundante, dominando os principais corredores naturais de penetração no território. A actividade agrícola parece ter sido mais valorizada, considerando que 78% dos povoados se implanta no intervalo altimétrico dos 200-400 metros de altitude. Apenas dois povoados se situam acima destas cotas.

## Bibliografia

- BETTENCOURT, A. M. S. (1995) – *Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal*, in *A Idade do Bronze em Portugal*, [Lisboa]: SEC/IPM/MNA, pp. 110-115
- DINIS, M. V. (1963) – *Manifestações Neolíticas na região de Paços de Ferreira*, in *LVCERNA*, nº 3. Porto. pp. 88-95.
- JORGE, S. O. (coord.) (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal*, [Lisboa]: SEC/IPM/MNA.
- LOURIDO, F. C. (2005) – *O castro: da aldeia autárquica à cidade desenvolvida*, in *Castro, Um Lugar para Habitar*, Colóquio Monte Mózinho 2004. Cadernos do Museu, nº 11. Penafiel: Museu Municipal. pp. 91-106. ISSN: 0873-5484.
- MAGALHÃES, P.; MOREIRA, C.; CARDOSO, C. e SOUSA, L. (2009) – *Silvares: um percurso pela sua história*. Lousada
- MIGUEL MATÉ, L. C. S. (1993) – *El poblamiento de la Edad del Hierro al occidente del valle medio del Duero*, in *Arqueología Vaccaea: estudios sobre el mundo prerromano en la cuenca media del Duero*. Valladolid: Junta de Castilla y Leon. pp. 21-65. ISBN: 84-7846-253-8.
- MOURA, A. S. (2009) – *Lousada Antiga: das origens à primeira República*, 1ª Parte (Do Concelho). Lousada: Ed. de Autor.
- NUNES, M.; SOUSA, L.; e GONÇALVES, C. (2008) – *Carta Arqueológica de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal.
- PEIXOTO, Pe. F. A. (1913/1915) – *Lousada: sua origem e antiguidades*, in *Jornal de Louzada*. Louzada: Typografia do "Jornal de Louzada".
- PINHO-LEAL, A. S. A. B. de (1873-1890) – *Portugal Antigo e Moderno*. 12 vol. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- PINTO, J. M. S. M. P. (1997) – *O Castro de S. Domingos (Cristelos-Lousada) e o povoamento do vale do rio Mezio*, in *Castrexos e Romanos no Noroeste*. Actas do Colóquio de homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida. Santiago de Compostela.
- SARMENTO, F. M. S. (1989) – *ANTIQUA (Informes, reconhecimentos e prospecções)*. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmento, anotados por F. J. Salgado Guimarães, in *Revista de Guimarães*, nº 99 (Jan./Dez.). Guimarães: Sociedade de Martins Sarmento. pp. 16-66.
- SOUSA, L. (2007) – *Proto-História e Época Romana no concelho de Lousada: Aplicação de um SIG na análise espacial em Arqueologia* (Tese de Licenciatura). Porto: FLUP/DCTP (Policopiado).
- VEIRA, J. A. (1887) – *O Minho Pitoresco*, vol. II. Lisboa: Livraria António Pereira.

### Cartografia

Carta Militar de Portugal, IGEOE, escala 1/25 000, folha nº 112 [Material cartográfico], 4ª edição, 1998, série M888, ISBN: 972-764-998-X.

<sup>2</sup> Diz o citado autor que "Castilhô, lugar referenciado na freguesia de Vilar de Torno, é um evidente diminutivo medieval (escrevia-se Castrello). Refere-se a um pequeno castro local" (Moura AS, 2009: 108).